

DOSSIÊ

O PAPEL DO JORNALISTA NA SELEÇÃO E CONSTRUÇÃO DA NOTÍCIA SOBRE AS MIGRAÇÕES TRANSNACIONAIS CONTEMPORÂNEAS

Copyright © 2017
SBPjor / Associação
Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo

ELAINE JAVORSKI
UniBrasil Centro Universitário, Brasil

LILIANE DUTRA BRIGNOL
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

DOI: <http://dx.doi.org/10.25200/BJR.v13n2.2017.985>

RESUMO - O Brasil tornou-se, na última década, novamente a porta de entrada de imigrantes. É no sentido de compreender o papel do jornalista na seleção e construção da notícia sobre as migrações transnacionais contemporâneas que esse artigo se apresenta. Para tanto, foi realizada uma análise de conteúdo de peças encontradas nos telejornais matutinos de âmbito nacional e regional da TV Globo, *Bom Dia Brasil* e *Bom Dia Paraná*, entre 2014 e 2016. A segunda etapa da investigação consistiu em uma pesquisa com jornalistas de emissoras paranaenses por meio de questionários e da composição de um grupo focal na intenção de perceber, à luz da teoria do *gatekeeping*, quais as interferências sofridas pelos jornalistas na seleção das notícias. Os resultados apontam os limites da utilização das experiências pessoais na produção da notícia, as diferenças sociais entre jornalistas e fontes como empecilho para a visibilidade de assuntos referentes às minorias e a dependência das fontes burocráticas.

Palavras-chave: Imigração no Brasil. Telejornalismo. Rotinas produtivas no jornalismo. Teoria do *Gatekeeping*.

EL PAPEL DEL PERIODISTA EN LA SELECCIÓN Y CONSTRUCCIÓN DE LA NOTICIA SOBRE LAS MIGRACIONES TRANSNACIONALES CONTEMPORÁNEAS

RESUMEN - El Brasil se ha convertido, en la última década, en una puerta de entrada de inmigrantes. Este artículo tiene como objetivo comprender el papel del periodista en la selección y construcción de la noticia sobre las migraciones transnacionales contemporáneas. Así, se llevó a cabo un análisis de contenido de piezas encontradas en los noticieros de la mañana en red nacional y regional de TV Globo, *Bom Dia Brasil* y *Bom Dia Paraná*, entre 2014 y 2016. La segunda etapa de la investigación consistió en una encuesta

de periodistas de dos estaciones de Paraná a través de cuestionarios y la composición de un grupo de enfoque con el fin de entender, a partir de la teoría del gatekeeper, la interferencia sufrida por los periodistas en la selección de las noticias. Los resultados muestran los límites de la utilización de experiencias personales en la producción de noticias, las diferencias sociales entre periodistas y fuentes como impedimento para problemas de visibilidad relacionadas con las minorías y la dependencia de fuentes burocráticos.

Palabras clave: Inmigración en Brasil. Periodismo televisivo. Rutinas de producción en el periodismo. Teoría del *Gatekeeping*.

THE ROLE OF THE JOURNALIST IN THE SELECTION AND CONSTRUCTION OF THE NEWS ABOUT THE CONTEMPORARY TRANSNATIONAL MIGRATIONS

ABSTRACT - : Over the last decade, Brazil has once more become a gateway for immigrants from different nations. This article presents a form for understanding the journalist's role in selecting and building news on contemporary transnational migrations. In order to do this, a content analysis was made of excerpts from national and regional morning newscasts between 2014 and 2016 from Globo Network, Bom Dia Brasil and Bom Dia Paraná. The second stage of the investigation was a study of journalists from Paraná radio stations. This study consisted of a questionnaire and a focus group to help understand what kind of barriers journalists face when selecting news. The results show the limits for using personal experiences in news production and the social differences between journalists and sources; considered as an obstacle towards bringing minority issues and the dependence on bureaucratic sources to the forefront.

Keywords: Immigration in Brazil. News television. Productive routines in journalism. Theory of Gatekeeping.

Introdução

Inúmeras misturas étnicas formam, ao longo da história, a nação brasileira. Podemos entender, neste contexto, o tema das migrações como importante para discutir o próprio sentido de Brasil como nação (Lesser, 2015). O fluxo migratório é permanente, com mais chegadas em alguns momentos e, em outros, mais partidas. Os primeiros imigrantes chegaram durante a colonização, porém de forma restrita. Além do tráfico de escravos intensificado entre 1550 e 1850, que resultou na migração forçada de cerca de 3 milhões de africanos, estima-se que, entre 1819 e final da década de 1940, o Brasil tenha recebido 5 milhões de imigrantes, sobretudo italianos, portugueses, espanhóis, alemães e japoneses, assim como outros grupos migratórios que chegaram em menor número (Seyferth, 2007).

Após o fenômeno nas grandes fazendas de café, que contrataram estrangeiros para trabalhar em suas terras, os governos provinciais desenvolveram programas de incentivo à vinda de

trabalhadores de outros países, em substituição de mão de obra escrava, em uma política de migração que buscava o branqueamento da população (Schwarcz, 2012). As principais correntes imigratórias foram formadas por portugueses, italianos, alemães, espanhóis, sírio-libaneses, poloneses, ucranianos e japoneses. Mais tarde, nas décadas de 1980 e 1990, o fluxo se modificou e o número de brasileiros deixando o país cresceu. O balanço das migrações naquele período resultou num saldo negativo de cerca de 1,5 milhão de pessoas. Recentemente, o quadro passou a ser mais estável com uma diferença menor entre o número de emigrantes e imigrantes.

Na última década, o Brasil tornou-se novamente a porta de entrada de imigrantes. Mas esse crescimento não foi contínuo e dois ápices no período, em 2010 e 2013-2014, houve números acima das projeções estatísticas (Uebel, 2016). Entre 2007 e 2014, calcula-se que chegaram ao país 1,9 milhão imigrantes, superando as estimativas feitas pelo governo que giravam em torno dos 600 mil. Em 2015, segundo dados da Polícia Federal, 117.745 estrangeiros entraram no país para residir. No total, o país abrigava naquele ano 1.847.274 imigrantes regulares, a maioria proveniente de países como Portugal, Japão, Bolívia, Itália, Espanha, Argentina, China e Estados Unidos.

No que diz respeito ao perfil desse imigrante, há uma mudança em comparação aos fluxos anteriores. O Brasil passou a receber pessoas a partir de um movimento intrabloco facilitado pelo Mercosul com cidadãos vindos do Chile, Bolívia, Paraguai, Argentina e Peru. A instabilidade política e econômica desses países têm feito com que o fluxo se intensifique. Esses grupos se diferenciam em diversos níveis de mobilidade que variam de acordo com as classes sociais, os produtos e as informações (Bárbara, 2005). Nesse sentido, ainda que Paraguai, Argentina e Bolívia sejam próximos, por exemplo, as motivações de imigração dos cidadãos destes países são diferentes.

Outro perfil de imigrante que tem se direcionado ao Brasil é aquele considerado como “mão de obra qualificada”. O país teve um crescimento e expansão econômica considerável e passou a exercer um papel de importância no cenário mundial. Entretanto, alguns setores careciam de profissionais capacitados para áreas nas quais a oferta nacional era insuficiente. Por esse motivo, algumas empresas brasileiras acabaram por recrutar estrangeiros para gerir tarefas, o que justifica o expressivo aumento do número de portugueses, italianos, estadunidenses, japoneses, britânicos, e outras nacionalidades. A crise econômica que assolou a Europa a partir de 2011 foi mais

um motivo para a chegada desses estrangeiros no Brasil. Segundo o Ministério do Trabalho e Emprego, mais da metade de autorizações de vistos temporários em 2011 foram para profissionais com nível superior. O número de mestres e doutores estrangeiros passou de 584 para 1.734. Países como Portugal e Espanha, onde o desemprego chegou a atingir 40% em determinadas faixas etárias, tinham mão de obra qualificada e com disponibilidade para imigrar. Assim, parte da escassez de mão de obra no Brasil foi resolvida com a necessidade de emprego de cidadãos estrangeiros.

Há ainda outro fenômeno importante da imigração no Brasil relacionado ao Haiti, que segundo dados do IBGE, não contabilizavam imigrantes no Brasil em 2000 mas, em 2010, já contava com 175 imigrantes. Números do Ministério da Trabalho e Polícia Federal mostram que em 2014 haviam 20.108 haitianos no país. Dados não oficiais, de pastorais de imigrantes e consulados, chegam a estimar o dobro, cerca de 50 mil imigrantes naquele ano. A situação desses cidadãos é diferente dos outros grupos de imigrantes que chegam ao país por motivos econômicos e de trabalho. O terremoto de 2010, que matou cerca de 200 mil pessoas e a situação política, aliada aos projetos desenvolvidos pelo Brasil naquele país, foram alguns dos motivos para essa imigração. De acordo com Uebel (2016), a imigração de haitianos para o Brasil teve uma repercussão importante não pela expressividade numérica, já que o número de portugueses, estadunidenses e japoneses é maior, mas por fatores como destaque midiático, etnia, cor, visibilidade social, xenofobia etc.

A recente diversificação dos fluxos migratórios inclui a chegada mais expressiva também de migrantes de países africanos, como Senegal e Gana, por exemplo, além de países de colonização portuguesa, como Moçambique e Angola. Segundo relatório do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra) de 2015, ao avaliar a relação entre admissões e demissões de imigrantes no mercado de trabalho brasileiro no ano de 2014, a segunda nacionalidade que mais admitiu trabalhadores naquele ano, logo depois dos haitianos, foi a senegalesa. “A movimentação de trabalhadores do Senegal, formalmente empregados, apresentou um resultado positivo, consequência de 2.830 admissões contra 1.400 desligamentos (Cavalcanti, 2015, p. 92). Gana foi outra nacionalidade da África que teve expressivo número de admissões no Brasil, apresentando, segundo o mesmo relatório, “um balanço positivo no ano 2014, resultado de 1.198 admissões contra 480 desligamentos (Cavalcanti, 2015, p. 95)

O cenário de novos fluxos migratórios para o Brasil contemporâneo relaciona-se com um panorama mais amplo de transformações das migrações transnacionais, construídas e significadas também pelo campo das mídias. Entendemos que a informação que serve de alicerce do fluxo migratório também se modifica com a expansão dos usos de tecnologias da informação e da comunicação. O século XXI sofreu transformações importantes na comunicação, agilizando os processos de trocas de mensagens de toda e qualquer parte do mundo. Assim, ficou mais fácil obter informações sobre o lugar de destino. Por outro lado, a mídia local também observa com mais atenção essas mudanças culturais, retratando nos noticiários os reflexos dessa nova ordem. É no sentido de entender de que forma as notícias sobre esses imigrantes são construídas na mídia e qual o papel dos jornalistas nessa construção que esse artigo se apresenta. Para tanto, foi realizado um mapeamento exploratório da mídia sobre a cobertura das migrações no telejornalismo brasileiro entre 2014 e 2016 a partir da visualização dos noticiários matutinos *Bom Dia Brasil*, da TV Globo, e *Bom Dia Paraná*, da RPCTV, afiliada Globo no estado do Paraná. A segunda etapa da investigação consistiu em uma pesquisa com jornalistas por meio de questionários e da composição de um grupo focal no sentido de compreender, à luz da teoria do *gatekeeping*, quais as interferências sofridas pelos jornalistas na seleção das notícias.

Mídia e migrações transnacionais

Nesse contexto, de incremento e modificação dos fluxos migratórios para o Brasil, a mídia tem um papel fundamental no modo como o tema vai sendo pautado e, conseqüentemente, discutido e vivenciado no contexto nacional. Mais do que isso, partimos da compreensão da dimensão central que a mídia ocupa hoje na conformação dos sentidos que são compartilhados socialmente, sendo parte essencial da mediação das nossas experiências cotidianas (Silverstone, 2005).

Assim, compartilhamos também da contribuição de Mata (1999) quanto ao reconhecimento da centralidade que os meios massivos foram adquirindo na vida cotidiana, de modo a pensar a cultura articulada em torno dos meios e das tecnologias como nova matriz para a produção simbólica dotada de estatuto próprio e

complexo. A autora defende a necessidade de repor a centralidade dos meios na análise cultural, não como meros transportadores de mensagens, mas como espaços de interação de produtores e receptores, como marca, modelo, matriz, racionalidade produtora e organizadora de sentido.

É a partir dessas compreensões que nos propomos a voltar o olhar sobre os modos através dos quais o jornalismo seleciona e constrói notícias em torno das imigrações na mídia brasileira, especialmente focando na cobertura jornalística sobre os novos fluxos migratórios transnacionais para o Brasil. Como lembra Elhajji, “a presença, afirmação ou negociação de territórios existenciais e identitários se dá, em grande parte, no novo lócus – por excelência – de luta pelo poder que é a esfera midiática” (2011, pp. 6-7), ficando evidente, segundo o autor, “a dramaticidade da questão da representação midiática do Outro nas relações intercomunitárias e, mais ainda, na relação das comunidades especiais (étnicas no caso deste trabalho) com a sociedade em geral” (p. 8).

Como referido por Cogo e Brignol (2014), muitos estudos que focalizam as relações entre a mídia, especialmente o jornalismo, e as migrações – como Van Djik (1997), Retis (2004), Cunha (2003) e Cogo (2006) – identificam uma tendência de criminalização das migrações sustentada pelo paradigma de defesa das fronteiras nacionais. Nesses casos, há indicativos da ênfase em aspectos econômicos, relacionados a questões de segurança ou a políticas migratórias, que culpam ou vitimizam o migrante, abordando o tema de maneira redutora.

Martínez (2006) também destaca diferentes investigações que mostram como os meios de comunicação desempenham um papel central na reprodução de um discurso sobre os imigrantes centrado em ressaltar os problemas causados ou nas dificuldades enfrentadas para sua aceitação no país para onde migraram. Segundo a argumentação do autor, a maneira como o leitor interpreta e avalia as notícias sobre migrações propostas pela imprensa, por exemplo, mantém uma forte relação com o conteúdo e com a forma como estas notícias são apresentadas. A simplificação de assuntos complexos contribui para uma construção negativa e estereotipada da imagem dos estrangeiros.

Van Djik (2006), ao analisar a questão do racismo no contexto europeu, aponta para a observação das notícias sobre questões étnicas condicionadas por um contexto de discriminação e exclusão.

Segundo o pesquisador, a seleção de temas e outros elementos da notícia seriam estereotipados, limitados a um pequeno número de tópicos, centrado, sobretudo, na chegada de imigrantes identificados como “ilegais” pela mídia, na cobertura sobre problemas relacionados a questões de integração de comunidades migrantes e o envolvimento de migrantes em situações de delito. Esses limites na seleção e no tratamento de pautas sobre questões migratórias podem estar relacionados, como alerta o pesquisador, a questões estruturais das organizações jornalísticas e pelo modo como os próprios jornalistas se relacionam com o tema:

[...] la contratación de periodistas que pertenecen a minorías es obviamente discriminatoria, la recopilación de información está dominada por hombres blancos e ignora o problematiza las fuentes y los líderes étnicos, mientras que favorece las definiciones de la élite blanca de la situación étnica, y finalmente, la cobertura de la misma sociedad multicultural se ve normalmente limitada a la cobertura de un pequeño número de temas “problemáticos”. (Van Djik, 2006, p. 29).

Migrações transnacionais no telejornalismo

Em pesquisa desenvolvida no contexto do “Núcleo de Pesquisa sobre Mídia e Imigração” (UniBrasil), com a colaboração para análise, neste artigo, do grupo de pesquisa “Comunicação em rede, identidades e cidadania” (UFSM), realizamos um mapeamento exploratório da mídia sobre a cobertura das migrações no telejornalismo brasileiro. Foram selecionados os telejornais *Bom Dia Brasil* e *Bom Dia Paraná*, da Rede Globo e sua afiliada no Paraná, RPCTV, e visualizados diariamente entre os meses de março e outubro de 2014, 2015 e 2016. A opção pelo monitoramento desses informativos se dá tendo em vista sua expressiva audiência e suas características editoriais, já que noticiários matutinos geralmente têm um tom de prestação de serviço, viés comunitário e também um estilo mais coloquial dos âncoras e espaço para opinião e análise. A pesquisa busca reconhecer as características dos imigrantes retratados nos programas no que diz respeito aos valores apresentados através das reportagens por meio da observação das variáveis forma (identificação da peça, data de exibição, tempo, formato), conteúdo (tema principal e secundários, atores, proveniência, localização geográfica) e discurso (tema atribuído à peça, menções feitas aos atores, orientação da peça, tipos e modalidades de narrativa) (Cunha, 2007).

O monitoramento desses três anos mostra a pouca visibilidade sobre o tema da imigração, principalmente no telejornal de âmbito nacional. No *Bom Dia Brasil*, em 2014, foram encontradas nove peças que tratavam do tema. O interesse cresce nos anos seguintes somente a partir da cobertura internacional devido à chegada de refugiados em massa nas fronteiras da Europa. Em 2015, foram encontradas 63 peças, sendo que delas apenas cinco eram sobre a imigração no Brasil. Em 2016, das 51 reportagens encontradas, duas se referiam a notícias nacionais. As 16 reportagens encontradas durante os três anos de pesquisa foram categorizadas da seguinte forma: *Mercado de trabalho/estudos* (quatro delas tinha foco sobre haitianos e sua atuação profissional); *Polícia/crimes* (duas matérias associando italianos ao tráfico de drogas); *Chegada/cifras* (duas matérias sobre a chegada de refugiados sírios); *Esporte* (quatro peças relacionadas à desportistas estrangeiros e três faziam parte da série “Brasil, o espelho do mundo”, sobre estrangeiros que moram no país e que veriam seus times na Copa do Mundo); *Polícia/violência contra migrantes* (uma peça sobre violência contra um alemão).

No caso do telejornal regional, a inserção do tema é um pouco maior e cresce ao longo dos anos analisados. Em 2014, foram encontradas três peças; em 2015, 10; e em 2016, 15. Neste informativo os temas se diferenciam substancialmente do telejornal nacional. Em 2014 apareceram as categorias *Festividades/datas comemorativas* (Ramadã, dia da bandeira do Haiti); *Mercado de trabalho/estudos* (atuação de médicos cubanos em Ponta Grossa). Em 2015 são encontradas matérias referentes a *Festividades/datas comemorativas* (Ramadã, Oktoberfest de Rolândia, Expo Japão Londrina, Festival Oriental de Maringá, imigrantes orientais no aniversário de Maringá); *Mercado de trabalho/estudos* (três peças relacionadas a haitianos); *Chegada/cifras* (sobre o acolhimento de refugiados sírios); *Polícia/crimes* (peruano preso por tráfico de drogas). Em 2016, constam na análise: *Festividades/datas comemorativas* (duas peças sobre Ramadã, Festival de Cultura Haitiana, artista plástico alemão em Maringá, artista chinesa em Foz do Iguaçu, Expo Japão em Londrina, 65 anos da imigração alemã em Guarapuava); *Mercado de trabalho/estudos* (curso de camareira para haitianas e vagas em cursos superiores para refugiados); *Chegada/saída/cifras* (haitianos deixam o estado); *Polícia/violência contra migrantes* (agressão a estudante haitiano); *Polícia/crimes* (argentino preso por tráfico de drogas); *Esporte* (estreia de jogador de futebol

turco); *Redes de apoio/associações* (aumenta atendimento da Cáritas em Londrina) e *Trâmites burocráticos* (cadastramento de imigrantes em Toledo).

Em relação às fontes que aparecem nas reportagens, é importante destacar que nas nove notícias nacionais as fontes têm as seguintes origens: imigrantes (13), órgãos de governos e polícia (3), populares/pessoas que convivem com imigrantes (3) e associações ou instituições ligadas às redes de apoio (4). Nos telejornais locais, nas 28 reportagens as fontes provêm de: imigrantes (19), órgãos de governos e polícia (11), populares/pessoas que convivem com imigrantes (5) e associações ou instituições ligadas às redes de apoio (5).

Observa-se, a partir das categorias elencadas por Tuchman (1978), que as notícias sobre acontecimentos (*hard news*) relacionados aos imigrantes têm pouca abordagem e, em geral, estão ligadas à fatos policiais. A maioria delas é branda (*soft news*) e se refere a casos de menor importância, também chamadas de material de “gaveta” por poderem serem utilizadas a qualquer momento conforme conveniência da emissora.

Embora a abordagem do tema ainda seja escassa, o progressivo aparecimento de matérias é sinalizador de um crescente interesse midiático. Entretanto, mesmo sob enfoque que tende a uma aproximação à diversidade trazida pela presença migratória, como no caso do enfoque pelo mercado de trabalho ou atividades culturais, as quais sugerem uma folclorização do imigrante (Javorski, 2017), ainda é pequeno o espaço ocupado na mídia por matérias que priorizem o protagonismo migrante e que resguardem aos próprios sujeitos um lugar de fala prioritário sobre as experiências vividas. Em alguns casos, mesmo que a matéria jornalística se proponha a mostrar, de maneira humanizada, a situação dos migrantes que chegam ao Brasil, ainda o fazem a partir de referentes que tendem a naturalizar as diferenças entre nós, nacionais, e o Outro migrante.

A rotina dos jornalistas e a abordagem do *gatekeeper*

Como forma de perceber qual a proximidade dos jornalistas de televisão com o tema das migrações internacionais e que elementos da rotina produtiva contribuem ou dificultam a discussão do assunto, foi realizada uma sondagem com 15 jornalistas, entre pauteiros, repórteres e editores, da emissora RPCTV,

afiliada da TV Globo no Paraná. O questionário com 24 perguntas abrange informações gerais sobre o jornalista e também questões relacionadas à proximidade com o tema da imigração atual. Assim, foram formuladas perguntas específicas sobre o conhecimento e convivência com estrangeiros. A distinção entre ter conhecidos imigrantes e conviver com eles é importante para observar o grau de proximidade com a problemática. Outras perguntas se direcionavam mais às questões da rotina produtiva, como a busca de informação sobre o tema, sua importância, a frequência e suficiência da cobertura. Na sequência, dois grupos focais com quatro jornalistas da emissora reuniram produtores e repórteres especializados na cobertura local. Seguiu-se a recomendação de Munday (2006) na utilização de grupos pequenos que resultam mais eficientes para explorar determinados pontos em maior profundidade. De forma a obter impressões sobre a rotina da cobertura nacional, participaram também dois produtores de rede que trabalham sob supervisão das chefias do Rio de Janeiro e São Paulo. O grupo focal foi realizado com base em um roteiro que explorava questões como as influências pessoais na produção da notícia, o contato com fontes imigrantes e a relação com os canais burocráticos de rotina. A abordagem levou em consideração teorias clássicas sobre as rotinas jornalísticas, em especial a televisiva, que condicionam os profissionais a uma série de ações que determinam as notícias que serão exibidas. White (1950), que utilizou a metáfora do *gatekeeping* para analisar o papel dos profissionais nessa dinâmica de triagem diária sobre as notícias que passam e as que ficam retidas, concluiu que a apuração era feita de forma subjetiva e influenciada mais por valores individuais do que organizacionais. Porém, a medida que os estudos avançavam nessa área outros fatores influentes na construção da notícia foram amplamente discutidos como as políticas organizacionais, o meio social e cultural, os *deadlines* etc. A principal explicação de Schudson (1988) seria uma relação entre a ação pessoal (produto dos jornalistas como indivíduos e suas intenções pessoais), a ação social (influência das organizações) e a ação cultural (notícia como um produto que é parte de uma sociedade e um momento específico). É a partir dessa perspectiva que as discussões foram norteadas nos grupos focais.

Tendo em vista que as dinâmicas cognitivas do ser humano só conseguem processar um número limitado de informações, o trabalho do jornalista exige uma adaptação nas suas rotinas para executar suas tarefas pressionado pelo tempo. As informações precisam

ser organizadas levando em consideração sua consciência pessoal e profissional e, nesse processo, ainda que de forma automática, trabalham na produção da notícia de forma a confirmar suas convicções (Stocking & Gross, 1989). Nesse sentido, desenvolvem uma percepção sobre a realidade e como devem retratá-la, sob pressão do tempo o fazem de forma mecânica, levando em conta as expectativas delimitadas no âmbito organizacional e pessoal. Essa delimitação do pensamento dirige a informação para uma forma padronizada de produção e faz com que os jornalistas recorram aos estereótipos, ou seja, simplificações de tipos e situações. Ainda segundo Stocking e Gross (1989), esse tipo de atuação faz com que os jornalistas passem a basear-se mais em fatos anedóticos do que em bases de dados para a produção da notícia. As percepções da realidade também são alteradas favorecendo erros na percepção do que é ou não notícia. Esse julgamento depende de muitos fatores mas está bastante influenciado pela pressão do tempo e afeta, por consequência, o processo global da produção da notícia, mais especificamente ao nível da seleção (*gatekeeping*). Os fatos mais atuais teriam, portanto, mais chances de passar pelos portões (Sousa, 1999).

No que diz respeito ao telejornalismo, a dinâmica está ainda mais dependente do tempo, já que não é possível produzir reportagens à distância, por telefone, por exemplo. Assim, a partir do material produzido pelo pauteiro, a equipe deve sair à rua com necessidade de regressar com material a tempo para o noticiário. Várias edições são feitas ao longo do dia com diferentes *deadlines*. O fator tempo, portanto, de forma abrangente, pode derrubar assuntos, que são excluídos ou substituídos não necessariamente pelos mais importantes mas pelos disponíveis. Sendo assim, nem sempre o assunto mais importante será exibido mas o que é possível de produzir no espaço de tempo destinado para a produção e, depois de pronto, que caiba no espaço destinado à exibição. Outro fator singular no telejornalismo é a questão da imagem, já que sem ela, mesmo que o assunto seja de interesse, terá uma importância reduzida, e do que os jornalistas entrevistados chamam de uma “boa história”, ou seja, um conjunto de valores que orbitam entre os personagens fortes e o inusitado, o surpreendente. Essa adaptação enquadra-se nos critérios de Golding (1981) que se referem às rotinas, capacidades técnicas e constrangimentos organizacionais que influenciam diretamente na produção da notícia.

A conexão dos jornalistas com o tema da imigração e a relação com os imigrantes

Os critérios utilizados para selecionar os assuntos são bastante subjetivos e pessoais. Dentre eles, critérios pessoais de nível individual aparecem como um dos primeiros portões por onde passam as sugestões de assuntos que podem ser tratados nos noticiários. White (1950) já havia concluído em seus estudos que as experiências e atitudes dos *gatekeepers* afetariam suas decisões. Essas experiências podem estar ligadas a características como etnicidade, gênero, orientação sexual, educação, religião e classe (Shoemaker & Vos, 2011). A constatação desses elementos facilita a observação do conteúdo que resulta das decisões desses indivíduos. Os participantes dos grupos focais admitem que muitas pautas são sugeridas com base nas experiências pessoais e nos elementos formativos citados acima. Assim, é muito mais comum que um jornalista proponha pautas sobre adoção de crianças, por exemplo, se teve essa experiência: por ter ou ser filho adotivo, ou por conhecer um caso bastante próximo. Ou ainda que uma jornalista engajada na luta feminista proponha pautas com um olhar voltado para as causas dessa militância. O mesmo ocorre com os imigrantes, com a diferença que, no caso, as questões socioeconômicas e culturais são um elemento a mais no jogo da proximidade. Embora a formação cultural brasileira tenha como base os imigrantes e os jornalistas muitas vezes sejam descendentes, em geral, não propõem questões ligadas aos deslocamentos internacionais porque suas raízes já estão tão longínquas quanto a ligação com os fluxos recentes. Esse distanciamento entre jornalistas e imigrantes ocorre em diversos níveis, dentre os quais o social. Os haitianos, por exemplo, na sua maioria, possuem segundo grau incompleto, idade entre 25 e 34 anos e ocupam postos de emprego pouco qualificados (Fernandes, 2014). Além disso, principalmente na sua chegada, agrupam-se entre seus compatriotas e partilham das atividades do grupo. Já o jornalista brasileiro é predominantemente branco, jovem e de classe média. Os negros representam apenas 5,3% da categoria; amarelos, 1,1%; e indígenas 0,4% (Mick & Lima, 2013), o que demonstra um perfil social do jornalista distante da realidade das minorias. Os profissionais assumem essa desigualdade ao serem questionados sobre esse tópico. Para eles esse problema tem

sido resolvido com a intensificação da presença nas comunidades de periferia.

É evidente que nem só de “afinidades” vivem as pautas jornalísticas, mas é inegável que a intimidade com determinados temas facilita a proposição para cobertura da mídia. Nos questionários aplicados aos 15 jornalistas, 12 dizem conhecer estrangeiros mas somente cinco convivem diretamente. Entre as nacionalidades mais citadas estão os argentinos (5) e europeus (10) como portugueses, franceses e italianos. Dois dizem conhecer haitianos e nacionais do continente africano como angolanos e senegaleses. Nesse sentido, conviver com os imigrantes e observar suas dificuldades, seja na questão do idioma, na busca por seus direitos como estrangeiros, acesso aos serviços básicos como educação e saúde, e outros problemas enfrentados, principalmente pelos que possuem poucas condições econômicas ou chegam como refugiados, poderia suscitar a inserção de pautas e consequente discussão pública sobre o tema.

Ainda assim, mesmo existindo algum tipo de conhecimento e convivência, ainda que rara, os imigrantes não são as principais fontes de pauta. A tentativa de buscar um entrevistado imigrante por outros meios que não os oficiais é praticamente descartada pelos jornalistas. A acessibilidade é outro critério importante na visão de Golding (1981), já que quanto mais fácil a cobertura do acontecimento maior será a propensão a se transformar em notícia. No caso dos imigrantes, o difícil acesso a essas fontes, reconhecido pela maioria dos jornalistas, acontece por diversos fatores: porque não fazem parte do círculo social do jornalista, porque geralmente não falam bem o idioma (o que dificulta o primeiro contato telefônico, por exemplo), porque não se organizam a ponto de manifestar-se na exigência de direitos etc.

Nesse cenário, os jornalistas reconhecem sua dependência em relação aos canais de rotina como assessorias de imprensa, órgãos de segurança, organizações não governamentais, associações de imigrantes e outras redes de apoio. As fontes imigrantes surgem por intermédio dessas instituições e, portanto, são escolhidas tendo em vista alguns critérios como disponibilidade e melhor expressividade com o idioma e não, necessariamente, as que têm histórias mais adequadas ao assunto ou mais sensibilizadoras. Talvez por isso, poucas vezes apareçam casos de racismo e xenofobia, já que a própria fonte evita divulgar

temas mais polêmicos. Percebe-se que as organizações possuem um código de relação com os jornalistas que leva em consideração um suposto conhecimento da linha editorial do veículo. Os jornalistas entendem que essas assessorias querem evitar, assim como os veículos, a visão do imigrante como um sofredor ou vítima, viés que realmente não aparece no conteúdo dos noticiários pesquisados. Pelo contrário, abundam os casos de superação e valorização como mote das reportagens. Os órgãos externos à redação funcionam como *gatekeepers* quando os jornalistas não estão em contato com os possíveis personagens.

O fator tempo pode influenciar mais esta etapa já que as organizações de apoio enviam os resultados de forma mais eficaz com alguma “apuração” já realizada, responsabilizando-se por ela. As instituições de maior credibilidade ou poder político e econômico possuem, assim, um acesso privilegiado à mídia com formas eficazes de fazer passar suas notícias pelos “portões” e inseri-las com sucesso na programação. Como observa Sousa (1999), os jornalistas valorizam as fontes disponíveis para providenciar informações credíveis de que precisam “desesperadamente” para a produção da notícia (Sousa, 1999). Com isso, o que se constata, é que são privilegiados assuntos definidos por setores dominantes da sociedade que reproduzem uma estrutura social favorável às elites e não necessariamente aos setores populares que incluem as minorias (Van Dijk, 1990).

O uso das fontes organizacionais possuem facilitadores como o horário de funcionamento coincidente com as jornadas dos profissionais de televisão e o fato de seus colaboradores estarem contatáveis quase em tempo integral. Além disso, como observado nos grupos focais com os jornalistas, há a questão da credibilidade das fontes oficiais que funciona como um atalho na apuração que não demanda a investigação das fontes comuns. Os jornalistas, passivos nessa dinâmica, acolhem as fontes ativas (Gans, 1980), que são, no caso, as instituições e suas assessorias, que conseguem agilizar a produção do conteúdo informativo que os jornalistas de televisão precisam.

Porém, ainda que as fontes de acesso sejam as organizacionais, é importante observar que no material exibido nos telejornais há um esforço por apresentar as fontes imigrantes. A maioria das reportagens do telejornal nacional traz entrevistas com os estrangeiros em um número bem maior do que as fontes oficiais.

Já no informativo local, as fontes imigrantes são utilizadas em número bastante próximo aos órgãos de governo e polícia, o que mostra uma necessidade da “segurança” oferecida pelas instituições oficiais, como os próprios jornalistas frisaram nos grupos focais. Embora seja em número reduzido, percebe-se a intenção de ouvir também a comunidade local quando utilizam vozes populares, geralmente pessoas que convivem ou trabalham com os imigrantes, como tentativa de reforçar a ideia de acolhimento dos imigrantes por meio da sociedade autóctone.

O proprietário do veículo, em geral, espera que o jornalista interiorize sua linha editorial. Como observa Breed (1993), o *publisher* é o *gatekeeper* central que delimita essas diretrizes seguidas pelos jornalistas ainda que tenham posições diferentes em relação aos assuntos tratados. As entrevistas mostram que isso ocorre algumas vezes de forma consciente, outras não, e depende do *status* do jornalista na redação. Assim, os “executivos” (*publisher* e editores) atuam de forma diferente dos *staffers* (repórteres). Uma editora de rede nacional, por exemplo, diz ter recomendações para tratar os assuntos referentes aos fluxos migratórios recentes por uma perspectiva humanitária desde os posicionamentos anti-imigração tomados pelo presidente estadunidense Donald Trump já na sua campanha eleitoral. Já os repórteres locais entrevistados mostram não seguir nenhuma orientação específica mas parecem entender a linha editorial dos telejornais como decisões “pessoais”. As perspectivas apresentadas nas pautas e reportagens parecem se adequar às normas do veículo sem atritos a partir de um “conformismo” motivado pelos sentimentos de obrigação com seu estatuto e seus superiores. O jornalista, “aprende a antever aquilo que se espera dele, a fim de obter recompensas e evitar penalidades” (Breed, 1993, p. 155) e, de forma inconsciente, tende a compreender como suas as decisões editoriais mais amplas.

Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi perceber de que forma são construídas as notícias sobre imigração no telejornalismo e contrastar os resultados obtidos com a dinâmica das rotinas produtivas dos jornalistas, principalmente no que diz respeito à influência pessoal na elaboração da notícia.

Como observado na análise de conteúdo das peças encontradas, não há tendência em enquadrar as notícias sobre estrangeiros e imigrantes de forma negativa, diferente do que apontam alguns estudos. As peças mostram pessoas dispostas a adaptar-se à sociedade local por meio do estudo, seja de idioma ou educação formal, e do trabalho. As vozes populares que convivem com esses cidadãos confirmam o acolhimento aparentemente sem muitos problemas. Além disso, existe uma folclorização do imigrante a partir da visibilidade de suas festividades e tradições que faz desaparecer os sujeitos históricos e a complexidade que a mobilidade internacional carrega. Segundo os jornalistas, é uma forma de mostrar o pertencimento à sociedade e a importância de uma cultura que permeia a história do país. Essa abordagem, porém, não suscita a discussão pública sobre assuntos como legislação específica para imigrantes, racismo e xenofobia. A falta de informações ou a dissonância com a realidade explica essa prática, já que o planejamento da cobertura é feita, em geral, a partir das fontes de rotina como órgãos públicos e instituições de apoio e não diretamente com as fontes imigrantes.

As experiências pessoais dos jornalistas norteiam a produção assim como suas opiniões embora no caso do telejornalismo as diversas etapas produtivas, da redação da pauta à edição do material, diminuam as chances da exposição de um único ponto de vista. Sendo assim, o repórter de televisão, responsável pela construção da matéria, tem menor autonomia uma vez que a pauta passa por uma análise sobre a proposta e a abordagem. O processo tende a produzir um consenso sobre a ideia original ainda que autocensura, valores e limitações editoriais acompanhem as pautas desde sua concepção até a adequação para exibição.

As diferenças sociais mostram que jornalistas abordam, em geral, temas próximos ao seu universo. Como observado no monitoramento de mídia, a cobertura é bastante limitada e os grupos migratórios contemporâneos que aparecem são basicamente os haitianos e os sírios. Grupos como os chineses, com perfil empreendedor bastante marcante, não são temas de pautas porque os jornalistas acreditam serem muito “fechados” e o acesso bastante difícil. Com os haitianos ocorre também essa dificuldade porém com a diferença de pertencerem a um grupo mais semelhante culturalmente e cercados por redes de apoio locais. Já os sírios são facilmente abordados por estarem respaldados pela colônia árabe,

muito presente no Brasil. O movimento ativista das mesquitas facilita o contato com a mídia, além do contato direto com os jornalistas por meio de seus descendentes. Os árabes, japoneses, italianos, portugueses, alemães e outros grupos migratórios mais consolidados na sociedade são considerados pelos jornalistas como “um de nós”. Neste jogo de representatividade, pode-se observar, portanto, que as negociações identitárias no contexto dos fluxos migratórios privilegiam determinados grupos devido às limitações impostas pela rotina produtiva do telejornalismo. Também fica evidente a dramaticidade na construção midiática, ainda que pelos viés positivo, produzindo e legitimando critérios por meio dos quais esses grupos são percebidos pela comunidade acolhedora.

REFERÊNCIAS

Bárbara, M. S. (2005). Brasiguaios: território e jogos de identidades. In H. Póvoa Neto, A. P. Ferreira (orgs.). *Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios* (pp. 333-346). Rio de Janeiro, RJ: Revan.

Breed, W. (1993). Controlo social na redacção: uma análise funcional. In N. Traquina (org.). *Jornalismo: questões, teorias e estórias* (pp. 152-166). Lisboa: Vega.

Cavalcanti, L. (2015). A empregabilidade dos imigrantes no mercado de trabalho. In L. Cavalcanti; T. Oliveira; T. Tonhati; D. Dutra. *A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro. Relatório Anual 2015*. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho e Previdência Social/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração. Brasília, DF: OBMigra.

Cogo, D. (2006). *Mídia, interculturalidade e migrações contemporâneas*. Rio de Janeiro/Brasília: E-Papers/CSEM.

Cogo, D., & Badet, M. (2013). De braços abertos: A construção midiática da imigração qualificada e do Brasil como país de imigração. In E. Araújo, M. Fontes & S. Bento (orgs.). *Para um debate sobre Mobilidade e Fuga de Cérebros*. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho.

Cogo, D., & Brignol, L. D. (2015). Reposicionando o nacionalismo metodológico: migrações, transnacionalismo e as pesquisas em consumo e recepção. In M. Sodré; A. C. R. Rocha & M. Elhaji (orgs.). *Dísporas urbanas e subjetividades móveis: migrantes, viajantes e transeuntes* (pp.149-170). Goiania: Gráfica UFC.

Cunha, I. F. (2003). *Imagens da imigração em Portugal*. Media & Jornalismo. Coimbra, 2(2), 71-87.

Cunha, I. F. (2007). *O SPSS e os estudos sobre os Media e o Jornalismo: metodologias de Pesquisa para o Jornalismo*. Petrópolis: Vozes.

ElHajji, M. (mai/ago, 2011). Mapas subjetivos de um mundo em movimento: Migrações, mídia étnica e identidades transnacionais. *Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y de la Comunicación*, XIII(2).

Fernandes, D. (org.). (2014). *Estudos sobre a Migração Haitiana ao Brasil e Diálogo Bilateral*. Belo Horizonte: Ministério do Trabalho e Emprego; Organização Internacional para Migração; Puc-Minas. Recuperado de http://portal.mte.gov.br/trab_estrang/publicacoes.htm.

Gans, H. J. (1980). *Deciding What's News: A Study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time*. New York: Vintage Books.

Golding, P. (1981). The missing dimensions: News media and the management of social change. In E. Katz & T. Szecskö. (orgs.). *Mass Media and Social Change*. Beverly Hills: Sage.

Javorski, E. (2017). La folklorización del inmigrante en la televisión brasileña. In C. Bolaño; A. Cabral; D. Araujo; F. Andacht & F. Paulino (orgs.). *Nuevos Conceptos y Territorios en América Latina*. São José dos Pinhais: Página 42.

Lesser, J. (2015). *A invenção da brasilidade: identidade nacional, etnicidade e políticas de migração*. São Paulo: Editora Unesp.

Martínez, A. G. (2006). Medios de comunicación, opinión y diversidad (social y cultural): Reflexiones en torno al fenómeno migratorio. In L. B. Bastida (org.). *Medios de comunicación e inmigración*. Murcia: Programa CAM Encuentro.

Mata, M. C. (out, 1999) De la cultura masiva a la cultura mediática. *Revista Diálogos de la comunicación*. Lima: Felafacs, (56), 80-90.

Mick, J., & Lima, S. (2013). *Perfil do jornalista brasileiro: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012*. Florianópolis: Insular.

Munday, J. (2006). Identity in focus: the use of focus groups to study the construction of collective identity. *Sociology*, 40(10), 89-105.

Retis, J. (2004). La imagen del otro: inmigrantes latinoamericanos en la prensa nacional española. *Sphera Publica – Revista de Ciencias Sociales y de la Comunicación*. Murcia: Universidade Católica San

Antonio de Murcia, (4), 119-139.

Seyferth, G., Póvoa, H., Zanini, M. C., & Santos, M (orgs.) (2007). *Mundos em movimento: ensaios sobre migrações*. Santa Maria: Editora UFSM.

Schudson, M. (1988). Por que as notícias são como são. *Comunicação e Linguagens*, Lisboa, (6), 17-27.

Schwarcz, L. M. (2012). *Nem branco nem preto, muito pelo contrário. Cor e raça na sociabilidade brasileira*. São Paulo: Editora Claro Enigma.

Shoemaker, P. J., & Vos, T. P. (2011). *Teoria do gatekeeping: seleção e construção da notícia*. Porto Alegre: Editora Penso.

Silverstone, R. (2002). *Por que estudar a mídia?* São Paulo: Edições Loyola.

Sousa, J. P. (1999). *A notícia e seus efeitos: as "teorias" do jornalismo e dos efeitos sociais dos media jornalísticos*. Recuperado de http://bocc.ubi.pt/pag/_texto.php?html2=sousa-pedrojorge-noticias-efeitos.html.

Stocking, S. H., & Gross, P. H. (1989). How Do Journalists Think? A Proposal for the Study of Cognitive Bias. In *Newsmaking*. Bloomington: ERIC Clearinghouse on Reading and Communication Skills.

Tuchman, G. (1978). *Making News: a study in the construction of reality*. Nova York: Free Press.

Uebel, R. R. G. (2016). Aspectos gerais da dinâmica imigratória no Brasil no século XXI. *Anais do Seminário Migrações Internacionais, Refúgio e Políticas*, realizado no dia 12 de abril de 2016 no Memorial da América Latina, São Paulo. Recuperado de http://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/anais/arquivos/1_RRGU%20OK.pdf.

Van Dijk, T. A. (1990). *La noticia como discurso: comprensión, estructura y producción de la información*. Barcelona: Paidós.

Van Dijk, T. A. (1997). *Racismo y análisis crítico de los medios*. Buenos Aires: Paidós.

Van Dijk, T. A. (2006). Discurso de las élites y racismo institucional. In L. B. Bastida. (org.) *Medios de comunicación e inmigración* (pp. 15-36). Murcia: Caja de Ahorros del Mediterráneo y Convivir sin Racismo.

White, D. M. (1950). The gatekeeper: a case study in the selection of news. *Journalism Quarterly*, 27(3), 383-396.

Elaine Javorski é professora pesquisadora do UniBrasil Centro Universitário onde coordena o “Núcleo de Pesquisa sobre Mídia e Imigração”. Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de Coimbra e Mestre em Comunicação e Indústrias Culturais pela Universidade Católica Portuguesa, tem especialização em Estudos do Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina e graduação em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: elainejavorski@hotmail.com.

Liliane Dutra Brignol é professora do Departamento de Ciências da Comunicação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), onde integra o Programa de Pós-graduação em Comunicação, na linha de pesquisa Mídia e identidades contemporâneas. Doutora e mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), e graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela UFSM. Coordena o grupo de pesquisa “Comunicação em rede, identidades e cidadania”. E-mail: lilianebrignol@gmail.com

RECEBIDO EM: 30/04/2017 | ACEITO EM: 01/07/2017